

A PERCUSSÃO NA OBRA *MUSEU DA INCONFIDÊNCIA* DE GUERRA-PEIXE

Janaína Paiva Garcia Sá

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

PPGM – Mestrado em Música

Práticas Interpretativas

SIMPOM: Subárea de Teoria e Prática da Execução Musical

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo transmitir para o músico percussionista a interpretação da percussão escrita por César Guerra-Peixe na obra *Museu da Inconfidência*, com base nas informações passadas pelo próprio compositor ao Prof. Luiz D’Anunciação, que na época da estreia feita pela Orquestra Sinfônica Brasileira – OSB, conviveu com Guerra-Peixe e com este discutiu as particularidades de se executar os trechos da percussão da obra. Suas experiências adquiridas em Recife (Pernambuco) na década de 50 culminaram em seu livro *Maracatus do Recife*, publicado em 1955. Após a Introdução, farei um breve histórico do compositor, abrangendo sua ruptura com o dodecafonismo até sua completa adesão ao nacionalismo, influenciado pelas ideias de Mário de Andrade. A partir do item 3, comentarei sobre a obra e as particularidades de execução do Tambor Militar e o solo em ostinato do Bombo, ambos inseridos em *Restos de um Reinado Negro*, no movimento IV, foco principal de minha pesquisa, por possuírem uma maneira específica para serem tocados, dentro da linguagem própria do autor. As entrevistas com o Prof. Luiz D’Anunciação foram de extremo valor à realização deste trabalho. A gravação feita pela OSB em 1976, sob a regência de Isaac Karabtchevsky, é uma importante fonte de consulta que utilizo como referência sonora por se tratar de um trabalho que contou com a orientação de Guerra-Peixe nos ensaios. Considerando a escassez de material acadêmico escrito sobre este assunto, o trabalho poderá servir de parâmetro a percussionistas, professores, compositores e regentes.

Palavras-chave: Guerra-Peixe; percussão; batuque pernambucano; maracatu.

1. Introdução

As sutilezas da rítmica brasileira geraram uma linguagem que traduz a marca da vivência popular (D’ANUNCIÇÃO, 2008, p.13) e se encontram inseridas e perpetuadas em obras de Villa-Lobos, Guerra-Peixe, Alberto Nepomuceno, entre outros. É uma linguagem que transita o mundo da oralidade e ainda não estudada efetivamente no âmbito acadêmico. Na primeira audição de sua obra *Museu da Inconfidência (Impressões de uma visita em 1966)*, o compositor César Guerra-Peixe (1914-1993), conhecedor dessa distância, teve o cuidado de reunir-se, previamente, com o professor Luiz D’Anunciação, responsável pela percussão da Orquestra Sinfônica Brasileira – OSB, para



I Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música

XV Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO

Rio de Janeiro, 8 a 10 de novembro de 2010

transmitir os detalhes que caracterizam a execução dos instrumentos da percussão por ele escritos. A relevância do assunto nos ofereceu a oportunidade de estudar esta obra com a finalidade de registrar esses detalhes técnicos pretendidos pelo autor, tornando-os acessíveis ao percussionista de orquestra, regentes e demais interessados no assunto.

Os naipes de percussão das orquestras variam em nível qualitativo e também em nível de responsabilidade quanto à interpretação do repertório. Sendo esta uma das razões que preocupou Guerra-Peixe ao tentar deixar clara a sua intenção relacionada ao modo de tocar determinados instrumentos de percussão da sua obra, principalmente com relação ao movimento IV. Em minha experiência como musicista de orquestra, costumo ver situações inadequadas que tendem a um resultado artisticamente insatisfatório ao compositor brasileiro. Um exemplo disto é o que acontece com as obras de Villa-Lobos, onde é comum encontrar substituições equivocadas de instrumentos de percussão, o que inclusive motivou D’Anunciação a escrever o livro *Os instrumentos típicos brasileiros na obra de Villa-Lobos*, publicado pela Academia Brasileira de Música (D’ANUNCIAÇÃO, 2006).

O objetivo do presente trabalho é o de resguardar a interpretação da percussão pretendida pelo autor na percussão do *Museu da Inconfidência*, conforme a partitura, em uma concepção formada por Guerra-Peixe.

O nome batuque pernambucano é um termo usado pelo Prof. Luiz D’Anunciação em analogia à concepção de batuque que se usa na música brasileira. A ideia do batuque pernambucano tem como característica o frevo, a forma típica de execução dos ritmos no pandeiro estilo brasileiro e do triângulo (que ocorre no estilo ferrinho), bem como o da maneira de se cantar, assim como a forma típica dos violeiros, dos repentistas, etc. Esta cultura popular nordestina inspirou Ariano Suassuna a criar, nos anos 70, o Movimento Armorial, cuja intenção era a retomada desta cultura no âmbito erudito.

O presente trabalho contou com o auxílio do Prof. Luiz D’Anunciação que por sua função de chefe de naipe da Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB) na época, esclareceu com Guerra-Peixe as particularidades de execução da percussão na obra. O Prof. D’Anunciação é uma referência importante por ter vivenciado a preparação da estreia com a OSB e por ter tido, durante longos anos, contato musical com Guerra-Peixe, além de seu conhecimento do estilo da música pernambucana. A estreia da peça pela OSB foi realizada em 1974 e, posteriormente, gravada por esta orquestra sob a regência do maestro Isaac Karabtchevsky (OSB, L/P Philips, 1976). Neste

mesmo ano de sua estreia, a orquestra realizou uma turnê européia tendo o *Museu da Inconfidência* em sua programação.

2. Um pouco sobre a trajetória de Guerra-Peixe

Em meados de 1940, estuda com o músico alemão Hans Joachim Koellreutter — pedagogo responsável por influenciar uma geração de jovens compositores brasileiros do começo do século XX, ao introduzir-lhes a técnica da música dodecafônica. Nessa mesma época, o compositor teve uma repercussão internacional com a dodecafônica *Sinfonia n.º 1*, executada pela rádio BBC, em Londres, em 1946. Além disso, teve na Alemanha, em 1948, a *première* do seu *Noneto*, com a regência do maestro alemão Hermann Scherchen, professor de Koellreutter e grande divulgador da música dodecafônica na Europa.

Mais tarde, Scherchen convida Guerra-Peixe a estudar e trabalhar com ele em Zurique, convite recusado pelo compositor. Nessa época, o compositor brasileiro já não estava mais interessado na técnica dos doze sons e buscava algo que expressasse seus anseios como compositor — fase a qual denominou “crise de orientação estética”. A experiência dodecafônica gerou uma polêmica na cena musical brasileira, que culminou na famosa *Carta Aberta*, de 7 de novembro de 1939, escrita por Camargo Guarnieri (NEVES, 2008, p. 185).

A música brasileira foi sempre fortemente influenciada por modelos europeus. Somente a partir do movimento nacionalista vimos surgir a preocupação de se escrever algo genuinamente brasileiro.

As ideias nacionalistas de Mário de Andrade chamaram a atenção de Guerra-Peixe que, nesta época, procurava uma definição estética para o seu trabalho. Em *Ensaio sobre a música brasileira*, Mário diz: “Nosso folclore musical não tem sido estudado como merece. E a preguiça e o egoísmo impedem que o compositor vá estudar na fonte as manifestações populares” (ANDRADE, 2006, p.55).

Guerra-Peixe resolve partir para Recife, assumindo o cargo de orchestrador de música popular na Rádio Jornal do Comércio. Entre o final de 1949 e meados de 1952, realiza intensa pesquisa de campo sobre a cultura popular local. O compositor assiste a muitas apresentações dos grupos de maracatu, recolhendo material sobre frevos, xangôs (nome dado ao candomblé pernambucano) e cabocolinhos.

Com vasto material em mãos, publica o livro *Maracatus do Recife*, em 1955 (GUERRA-PEIXE, 1980), um material com grande informação sobre maracatu, mais especificamente sobre o maracatu de Baque Virado da agremiação Maracatu Elefante.

3. A obra *Museu da Inconfidência* e detalhes sobre sua percussão

Escrita em 1972, a obra faz parte de um período em que o compositor está em sua fase mais madura e criativa, o que é notável com relação também ao uso dos instrumentos de percussão, assim como o de sua escrita, na qual exibe a influência de suas pesquisas folclóricas realizadas em Recife (Pernambuco) na década de 1950.

A obra foi contemplada no Concurso do Sesquicentenário da Independência do Brasil, do Departamento de Cultura do Estado da Guanabara, concedido pelo Estado da Guanabara. Teve como jurados nomes como Mário Tavares, Henrique Morelenbaum, Alceo Bocchino, Renzo Massarani e Guilherme Schubert (GUERRA-PEIXE, <http://www.guerra-peixe.com>).

O *Museu da Inconfidência* possui quatro movimentos: I – *Entrada*; II – *Cadeira de Arruar*; III – *Panteão dos Inconfidentes*; IV – *Restos de um Reinado Negro*.

Em sua instrumentação, Guerra-Peixe designa parte dos instrumentos em italiano: *Gran Cassa*, *Campanelli*, *Piatti*, *Tamburello*, *Silofono*, *Triangolo*, *Tamburo Militare*, *Bloco de Legno* e *Timpani*, que significam respectivamente: Bombo, Orchestra Bells, Pratos a Dois, Pandeiro Sinfônico, Xilofone, Triângulo, Tambor Militar, Bloco de Madeira e Tímpanos.

Serão comentados a seguir, determinados trechos que requerem observações musicais, como o trecho do Tambor Militar e do Bombo, ambos no movimento IV, onde abordarei os detalhes técnicos pretendidos pelo compositor.

3.1 O Tambor Militar

O significado da expressão *um poco rullato* que Guerra-Peixe escreveu para o Tambor Militar no movimento IV, *Restos de um Reinado Negro*, a partir do número 2 de ensaio, terminando no número 3 de ensaio (ver Exemplo Musical 1) é a primeira questão a ser estudada.

Durante sua permanência em Recife estudando a cultura musical pernambucana, Guerra-Peixe dedicou uma atenção especial do seu trabalho recebendo em reuniões em sua residência, grupos de instrumentistas que tocavam na agremiação Maracatu Elefante. Essas reuniões eram agendadas para que os instrumentistas tocassem para ele, em separado, detalhes do modo de execução. Em decorrência desses encontros ele percebeu que a baqueta da mão esquerda dos

músicos que tocavam tarol tinha uma deficiência técnica e, consequentemente, apresentavam um resultado sonoro diferente da outra mão. Todavia, essa diferença sonora constituía uma propriedade que ele classificou-a como *um poco rullato*, indicando essa expressão na partitura para ser mantida a mesma forma de execução (ver Exemplo Musical 1).

Obviamente esta sonoridade decorre da técnica usada onde a mão esquerda tem uma posição diferente da outra. Além disso, é necessário dizer que os músicos destes tipos de conjunto não são profissionais e eventualmente tocam o instrumento na época dos festejos.

A seguir, o trecho do Tambor Militar como consta na partitura do *Museu da Inconfidência*:



Exemplo Musical 1. Tambor Militar no movimento IV.

Para este trecho, o Prof. D’Anunciação informa a manulação utilizada, em conformidade com a maneira dos músicos estudados por Guerra-Peixe. As indicações das letras “D” e “E” referem-se à mão direita e à mão esquerda respectivamente.



Exemplo Musical 2. exemplo da manulação utilizada para o trecho do Tambor Militar.

Recomenda-se que o músico de orquestra toque com a técnica tradicional da caixa-clara, como pode ser vista na Figura 1. Essa técnica, conhecida como técnica tradicional ou mesmo

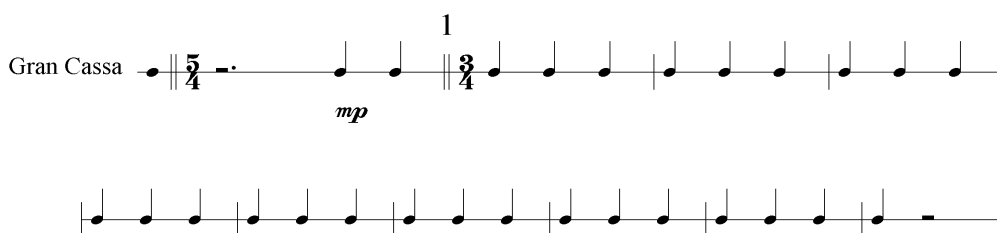
técnica rudimentar, é uma técnica original dos rudimentos, de uso no estilo militar ou marcial na qual o executante, pela sua função de tocar marchando, porta o instrumento a tiracolo em posição que exige para cada mão um modo próprio de segurar as baquetas. Conforme mencionado, essa era a maneira de tocar dos músicos que Guerra-Peixe ouviu no tempo de suas pesquisas folclóricas em Recife. Usando essa técnica, o músico poderá alcançar a sonoridade correspondente à expressão *um poco rullato* indicada por Guerra-Peixe. Desta maneira, poderá se obter uma sonoridade mais leve, procurando observar que deve ser contrária a técnica do *press roll*.



Figura 1. técnica tradicional de caixa-clara, também conhecida como *traditional grip*, em inglês (FIRTH, 1966, p.10).

3.2 O Bombo

No início da peça, Guerra-Peixe usa intencionalmente um trecho do Bombo como referência à sonoridade que ele vai usar no ostinato para este instrumento no movimento IV. Este trecho deve ser tocado com o mesmo tipo de baqueta a ser usada no referido ostinato. Este trecho do movimento I inicia-se um compasso antes do número 1 de ensaio, se estendendo por mais nove compassos, conforme se verifica no Exemplo Musical 3:



Exemplo Musical 3. Trecho do Bombo no movimento I.

No movimento IV da peça, *Restos de um Reinado Negro*, a ideia do ostinato para o Bombo é elaborada partindo de uma célula que toca o Tambor Meio e que corresponde na linguagem do Maracatu, ao 2º baque, representada a seguir:



Exemplo Musical 4. Fórmula rítmica que o Tambor Meião (2º baque) toca (GUERRA-PEIXE, 1980, p.101-102).

A partir desta fórmula rítmica, Guerra-Peixe utiliza a primeira célula, demonstrado no Exemplo Musical 5:



Exemplo Musical 5.

A partir disto, constrói o ostinato tocado pelo Bombo:



Exemplo Musical 6. Exemplo célula rítmica transformada em ostinato.

Finalmente, no Exemplo Musical 7, será demonstrado o solo do Bombo (*Gran Cassa*) no *Museu da Inconfidência*, trecho que compreende o início do número 4 de ensaio até o número 6 de ensaio do movimento IV:

Allegretto Moderato ♩ = 108

Gran Cassa

4 $\frac{3}{4}$ *p* (Due Bacchete) 4

LV

The musical score for Gran Cassa is written on a single staff. It begins with a tempo marking of 'Allegretto Moderato' and a metronome indication of 108 beats per minute. The time signature is 3/4. The score starts with a dynamic marking of 'p' (piano). There are several measures of music, including a section marked '(Due Bacchete)' and a section marked 'LV'. The score includes various rhythmic patterns, such as eighth and sixteenth notes, and rests. There are also dynamic markings like 'p' and 'f' (forte). The score ends with a section marked '6 Vivace' and a common time signature 'C'.

Exemplo Musical 7. Parte do Bombo (*Gran Cassa*) no *Museu da Inconfidência* do trecho que compreende o início do número 4 de ensaio até o número 6 de ensaio do movimento IV.

Nesta parte do solo do Bombo, Guerra-Peixe especifica a maneira de tocar, usando para isto o detalhe das hastes para cima e hastes para baixo (Exemplo Musical 7). A posição das hastes representa a forma de articulação, ou seja, a manulação do trecho. O termo manulação em

percussão identifica a alternância das mãos, e pode ser representada pelas letras “D” e “E”, onde se entende que haste para cima refere-se à mão direita (D) e haste para baixo, à mão esquerda (E).

É importante também frisar que este trecho deve ser tocado na mesma membrana do instrumento e com duas baquetas iguais.

4. Considerações finais

Neste trabalho procurou-se apresentar a forma de tocar desejada pelo compositor em determinados trechos da percussão na obra *Museu da Inconfidência* de César Guerra-Peixe.

Tais informações foram transmitidas ao Prof. D’Anunciação pelo próprio compositor na época dos ensaios para a estreia da peça realizada pela Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB), na década de 70. Na época da estréia desta obra, o Prof. D’Anunciação era chefe do naipe de percussão da OSB e, além disso, é reconhecido pelo seu grande valor como percussionista, professor e compositor.

Por esta razão, considero importante que tais informações sejam levadas ao conhecimento dos profissionais da área, para que se possa resguardar a forma de execução da percussão, conforme desejado por Guerra-Peixe.

Considerando a relevância deste trabalho e a escassez de material sobre o assunto, espero que o trabalho seja útil não só aos percussionistas e profissionais da área, mas também a regentes e compositores.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Mário de. *Ensaio sobre a música brasileira*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2006.
- D’ ANUNCIAÇÃO, Luiz. *Os instrumentos típicos brasileiros na obra de Villa-Lobos*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Música, 2006.
- _____. *Melódica Percussiva. Norma de concepção para a escrita dos instrumentos populares brasileiros com som de altura indeterminada*. Rio de Janeiro: Melódica Percussiva, 2008.
- _____. Entrevistas concedidas a Janaína Paiva Garcia Sá para o pré-projeto “A Percussão na obra *Museu da Inconfidência* de César Guerra-Peixe”. Rio de Janeiro, abr./set. 2009. Arquivos de áudio em formato MP3.
- FIRTH, Vic. *Percussion Symposium. A Manual Defining and Illustrating the Complete Percussion Section*. New York: Carl Fisher, 1966.
- GUERRA-PEIXE, César. *Museu da Inconfidência*. Edição do autor, 1972. Partitura (76 p.). Orquestra.



_____. *Maracatus do Recife*. 2. ed. São Paulo: Ricordi, 1980.

_____. *Estudos de Folclore e música popular urbana*. Organização, introdução e notas de Samuel Araújo. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

_____. Disponível em: <<http://www.guerra-peixe.com>>. Acesso em: 20 de junho de 2010.

NEVES, José Maria. *Música contemporânea brasileira*. 2ª ed. revista e ampliada por Salomea Gandelman. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

OSB. *Villa-Lobos – Guerra-Peixe – Nobre*. Isaac Karabtchevsky, regente. Nova York, Rio de Janeiro: Gravadora Philips, 1976, 1986. Disco de vinil.

